Para Putney Tyson Ridge.

Só após o final da história, de todos os destinos estarem traçados e todas as questões resolvidas, de um modo que essa história se pareça com todas as outras, é que ela poderia sentir-se imune e pronta a furar os limites das margens, a prender os capítulos com pedaços de cordel, a pintar ou desenhar a capa e a mostrar a obra concluída à mãe ou ao pai, quando este se encontrava em casa.

IAN MCEWAN, *Atonement*

***

Amanhã a esta hora
Onde estaremos nós?

THE KINKS

***

Até ao futuro!

LEONARD STERN,
Time Brothers

PARTE UM

1

O tempo não existia no hospital. Tal como num casino em Las Vegas, não havia relógios em lado nenhum, e a desagradável luz fluorescente mantinha-se igualmente brilhante durante todo o período das horas de visita. Alice já tinha perguntado, uma vez, se desligavam as luzes durante a noite, mas a enfermeira não a ouviu, ou talvez pensasse que era uma piada; de qualquer maneira, não lhe respondeu, por isso Alice não sabia a resposta. O pai, Leonard Stern, ainda se encontrava na cama no centro do quarto, ligado a mais fios e cabos e sacos e máquinas do que aqueles que Alice podia contar, e mal tinha falado durante uma semana, por isso ele também não lho diria, mesmo que voltasse a abrir os olhos novamente. Será que ele conseguia ver a diferença? Alice lembrou-se de quando se deitava no relvado do Central Park no verão, adolescente, deixando as pálpebras fechadas sentirem o calor do sol, quando ela e os amigos esticavam os corpos sobre mantas enrugadas, à espera de que o JFK Jr. os atingisse acidentalmente com um *frisbee*. Estas luzes não eram como a luz do sol. Eram demasiado brilhantes e demasiado frias.

Alice podia fazer as visitas aos sábados e aos domingos, e às terças e quintas-feiras durante a tarde, quando o trabalho acabava cedo o suficiente para que pudesse apanhar o comboio e chegar ao hospital a tempo, antes que as horas de visita terminassem. Do apartamento onde vivia em Brooklyn, a viagem de metro durava uma hora, da 2/3 de Borough Hall até à Rua 96, e depois seguia até à Rua 168; mas, do

seu trabalho, era meia hora no comboio C, que seguia direto da Rua 86 e da Central Park West.

Durante o verão, Alice tinha conseguido visitar o pai quase todos os dias, mas, desde que a escola começara, o melhor que conseguia era ir alguns dias por semana. Era como se se tivessem passado décadas desde a última vez que o pai tinha sido ele mesmo, quando era mais ou menos igual ao que sempre tinha sido para Alice, a sorrir e irónico, com uma barba mais castanha do que cinzenta. Na realidade, tinha-se passado apenas um mês. Ele já tinha estado num andar diferente do hospital, num quarto que mais parecia o de um hotel mal decorado do que uma sala de pós-operatório, com uma fotografia de Marte, que tinha rasgado do *The New York Times* e colado na parede, ao lado da fotografia da sua gata velha e poderosa, *Ursula*. Alice questionava-se sobre se teriam retirado essas coisas e colocado juntamente com o restante dos seus pertences — a sua carteira, telemóvel, as roupas com que chegara ao hospital, um conjunto de livros de capa mole que tinha com ele — ou se tinham sido enviadas para os contentores de depósitos médicos, que se alinhavam nos corredores estéreis.

Quando lhe perguntavam sobre o estado do pai — Emily, com quem partilhava uma secretária no gabinete de admissões; ou Sam, a sua melhor amiga da escola secundária, que tinha três filhos, um marido, uma casa em Montclair e um *closet* cheio de sapatos de salto alto, para usar no seu emprego horrível numa firma de advogados; ou o seu namorado, Matt —, Alice desejava ter uma resposta simples. Quanto mais tempo passava, mais a pergunta se tornava numa frase vazia, um *Como estás?* que um conhecido perguntava ao passar na rua enquanto se afastava. Não existiam tumores para serem retirados, ou germes para serem combatidos. Apenas várias partes do corpo de Leonard que estavam em demolição, num coro grande e unificado: o seu coração, os seus rins, o seu fígado. Agora, Alice entendia, como nunca percebera realmente antes, que o corpo funcionava como uma máquina numa fábrica e que, sempre que uma peça de dominó ou uma alavanca eram afetadas, toda a estrutura parava de funcionar. Quando os médicos passavam pela Unidade de Cuidados Intensivos, a palavra *falha* estava sempre presente, uma e outra vez. Todos esperavam que o pai dela

morresse. Poderiam passar dias ou semanas ou meses, ninguém conseguiria dizer de facto. O pior de tudo isso, como Alice entendeu, era que os médicos estavam quase sempre com suposições. Eram pessoas inteligentes e as suas suposições vinham de testes e estudos, e de longos anos de experiência, contudo eram isso mesmo, suposições.

Alice conseguia ver agora: durante toda a sua vida, pensara na morte como sendo um momento singular, o coração que parava, o último suspiro, mas agora sabia que morrer poderia ser mais parecido com um parto, com nove meses de preparação. O pai dela estava profundamente grávido de morte e só lhes restava esperar — os seus médicos e enfermeiros, a mãe de Alice, na Califórnia, os seus amigos e vizinhos, e, sobretudo, eles os dois. Só poderia acabar de uma maneira e só poderia acontecer uma vez. Não importava o número de vezes que uma pessoa andasse num avião turbulento, ou se envolvesse num acidente de viação, ou que conseguisse fugir do trânsito mesmo na hora certa, não importava quantas vezes se caísse sem partir o pescoço. Era daquela maneira que a maioria das pessoas morria — morria durante um longo período de tempo. A única surpresa seria saber quando é que isso iria realmente acontecer, o dia certo, e, depois, todos os dias que se seguiriam à morte, quando o pai já não insistisse na tarefa de se manter por cá. Alice sabia todas essas coisas e, por vezes, sentia-se bem com isso, era a maneira como o mundo funcionava; mas, noutras, ficava tão triste que mal conseguia manter os olhos abertos. Leonard só tinha setenta e três anos. Daí a uma semana, Alice teria quarenta e iria sentir-se imensuravelmente velha quando ele já cá não estivesse.

Alice conhecia algumas das enfermeiras do quinto andar e algumas do sétimo — Esmeralda, cujo pai também se chamava Leonard; Iffie, que achava engraçado quando Leonard afirmava que o almoço do hospital tinha sempre maçãs de três maneiras: sumo de maçã, puré de maçã e uma maçã; e George, que era quem levantava o pai dela com maior facilidade. Quando reconhecia uma dessas pessoas que haviam tomado conta do seu pai numa fase inicial, era como relembrar alguém da sua vida passada. Os três homens que trabalhavam na receção eram os cuidadores mais consistentes, de tal maneira que eram amigáveis e se lembravam dos nomes das pessoas que, como Alice, faziam visitas vezes

sem conta, porque entendiam o que isso significava. Eram chefiados por London, um homem negro de meia-idade, com um espaçamento entre os dentes da frente e uma memória de elefante. Lembrava-se do nome dela, do nome do pai dela, do que o pai fazia, tudo. O trabalho dele era enganosamente fácil — não bastava sorrir para as pessoas com balões, que vinham visitar bebés acabados de nascer. Não, visitantes como Alice apareciam e apareciam e apareciam até que deixasse de existir uma razão para voltarem, e sobrasse apenas uma longa lista de números a quem ligar e de coisas para fazer e outras para organizar.

Alice tirou o telemóvel da mala para ver as horas. O horário das visitas estava quase a acabar.

— Pai… — disse.

Ele não se mexeu, mas as suas pestanas sim. Alice levantou-se e colocou a mão sobre a dele. Estava magra e com hematomas — tomava anticoagulantes, para impedir que tivesse um derrame cerebral, e isso significava que, de cada vez que os enfermeiros e médicos lhe tocavam com mais uma agulha, uma nova mancha pequena e roxa aparecia. Os seus olhos permaneceram fechados. Ocasionalmente, abria uma pálpebra e Alice observava-o enquanto ele perscrutava a sala, sem se focar em nada, ou nela. Pelo menos, assim pensava.

Quando conseguiu que a mãe lhe atendesse o telemóvel, Serena disse-lhe que a audição era o último sentido a ir-se embora e, por isso, Alice continuava a falar com ele, mesmo não tendo a certeza de para onde as suas palavras seguiam, ou se seguiam para algum lado. Pelo menos, *ela* podia ouvi-las. Serena também lhe disse que Leonard tinha de se libertar do seu ego e que, se não o fizesse, ficaria para sempre preso ao seu corpo terreno. Acrescentou, ainda, que os cristais podiam ajudar. Alice nem sequer ouviu tudo o que a mãe disse.

— Eu volto na terça-feira. Amo-te. — Tocou-lhe no braço.

Alice habituara-se a isso, ao afeto. Ela nunca tinha dito ao pai que o amava até ele ter ido para o hospital. Talvez uma vez, na escola secundária, quando estava miserável por os dois terem discutido a propósito de ela não cumprir os horários de chegada a casa, mas tinha sido num grito, um epíteto largado a partir da porta do quarto. Agora, dizia-o sempre que o visitava e olhava para ele enquanto proferia as

palavras. Uma das máquinas que se encontrava atrás de Leonard deu um *beep* em resposta. A enfermeira de serviço acenou com a cabeça para Alice enquanto saía, as suas rastas presas a uma touca branca com imagens do Snoopy.

— *Okay* — suspirou Alice.

Foi como se tivesse desligado a chamada ao pai, ou mudado de canal.

2

Alice mandava sempre mensagem à mãe depois de sair do hospital. *O pai está bem. Igual, o que é bom?* Serena respondia de volta com um emoji de coração vermelho e depois um de arco-íris, indicando que tinha lido as palavras e que não tinha mais nada a acrescentar, nem a perguntar. Não parecia justo a Alice que a mãe abdicasse de toda a responsabilidade só porque já não estavam casados, mas claro que era isso que significava estar divorciado. E o tempo de divórcio dos pais já era superior ao que tinham permanecido casados — o triplo do tempo, pensou Alice, fazendo as contas.

Tinha seis anos quando a mãe a acordou um dia, dizendo-lhe que tinha recebido uma visita autoatualizada da sua consciência futura — ou da própria deusa Gaia[1], Serena não tinha a certeza —, e que precisava de se mudar para o deserto para se juntar a uma comunidade de cura, organizada por um homem chamado Demetrious. O juiz disse-lhes, no divórcio, que era muito raro um pai ter guarda exclusiva, mas nem ele conseguiu argumentar muito mais sobre isso. Era assim que as coisas seriam. Serena era carinhosa, quando estava disponível, mas Alice nunca desejou que os pais ficassem juntos por essa razão. Se Leonard tivesse voltado a casar, uma outra pessoa estaria ali a segurar-lhe as mãos e a colocar questões às enfermeiras, mas ele não o fez, e, por esse motivo, Alice estava sozinha. Poligamia teria sido fantástico, ou um

[1] Gaia, na mitologia grega, refere-se à personificação da Mãe-Terra, criadora de todos os Deuses e do planeta.

conjunto de irmãos, mas Leonard tivera somente uma esposa e uma filha, e Alice era o que sobrava.

Desceu as escadas da estação de comboios e, quando o comboio número um chegou, Alice nem fingiu tirar um livro da mala antes de adormecer contra o vidro sujo e raspado.

3

Alice e Matt ainda não moravam juntos, porque ter dois apartamentos sempre lhes pareceu ser um grande truque — uma forma verdadeiramente revolucionária de se estar empenhado numa relação. Ela vivia sozinha desde que fora para a faculdade, e partilhar um espaço com outro adulto todos os dias — cozinha, casa de banho, tudo — era um nível de compromisso que Alice não pretendia. Certa vez, lera uma coluna na *Modern Love*[2] sobre um casal que tinha dois apartamentos no mesmo prédio e isso parecera-lhe um sonho. Alice vivia no mesmo estúdio desde os vinte e cinco anos, desde que tinha finalmente deixado a faculdade onde passara pela escola de artes o mais lentamente possível. Era um apartamento térreo, numa casa castanha geminada em Cheever Place, uma rua pequena em Cobble Hill onde se ouvia o barulho da autoestrada Brooklyn-Queens, o que embalava Alice, como se fosse o som do oceano, até que adormecesse. Por viver ali há tanto tempo, pagava menos de renda do que as pessoas de vinte e cinco anos, que viviam em Bushwick.

Matt, ao contrário do esperado, vivia em Manhattan, em Upper West Side, o bairro onde Alice tinha crescido e onde trabalhava. A primeira vez que ela e Matt foram jantar, ele contou-lhe onde vivia e Alice pensou que ele estava a brincar. A ideia de alguém da sua idade — na verdade, cinco anos mais novo — conseguir pagar para viver

[2] É uma famosa coluna no jornal *The New York Times* que, todas as semanas, conta histórias sobre relações. Neste momento, além da coluna, também já tem um livro, um *podcast* e uma série de televisão.

em Manhattan era absurda, mesmo que Alice já tivesse percebido há muito que o sítio onde alguém se podia dar ao luxo de viver pouco dependia do salário, principalmente em Manhattan. Matt vivia num dos apartamentos novos e brilhantes perto de Columbus Circle, que tinha um porteiro e uma sala de encomendas com uma secção especial para frios para quem pedisse comida da *FreshDirect*[3]. Vivia no décimo oitavo andar e tinha uma vista que dava até New Jersey. Quando Alice olhava pela janela da casa, conseguia ver uma boca de incêndio e metade dos corpos das pessoas que passavam.

Mesmo que tivesse uma chave do apartamento de Matt, Alice parava sempre na receção antes de ir para o elevador, como as visitas devem fazer. Não era diferente das suas idas ao hospital, onde deixava o seu nome. Naquele dia, um dos porteiros, um homem velho, careca, que lhe piscava sempre o olho, apontou para o elevador enquanto ela se aproximava, e Alice anuiu. Um passe direto.

Perto do canto brilhante em mármore, uma mulher e duas crianças esperavam pelo elevador. Alice reconheceu a mulher de imediato, mas não se atreveu a dizer uma palavra, tentando manter-se invisível. As crianças — dois rapazes louros, talvez com quatro e oito anos — corriam à volta das pernas da mãe, enquanto tentavam acertar um no outro com raquetes de ténis. Quando o elevador finalmente chegou, ambos correram lá para dentro, seguidos pela mãe, os tornozelos magros, sem meias, enfiados nos mocassins. Ela olhou para trás e reparou em Alice, que tinha acabado de entrar no elevador, colocando-se ao lado dos botões, apertada no canto do pequeno cubo.

— Oh, olá — disse a mãe.

A mulher era bonita e loira, com um bronzeado impressionante, do género que se apanha gradualmente nos campos de ténis ou golfe. Alice tinha conhecido aquela mulher — Katherine, talvez? — quando levara o filho mais velho ao gabinete de admissões da Escola Belvedere.

— Olá — respondeu Alice. — Como está? Olá, rapazes.

As crianças tinham abandonado a luta de raquetes e pontapeavam-se nas canelas. Um novo jogo.

[3] Serviço de entrega de compras ao domicílio.

A mulher — Katherine Miller, lembrou-se Alice; e os rapazes, Henrik e Zane — puxou o cabelo para trás.

— Estamos ótimos. Sabe como é… felizes por voltar à escola. Estivemos em Connecticut o verão inteiro, e eles estão com imensas saudades dos amigos.

— A escola não presta — acrescentou Henrik, o rapaz mais velho. Katherine agarrou-o pelos ombros e apertou-o contra as pernas.

— Ele não queria dizer isto — desculpou-se ela.

— Queria, sim! A escola não presta!

— A escola não presta! — repetiu Zane, com uma voz três vezes mais alta do que o necessário para um elevador. As bochechas de Katherine ficaram roxas de vergonha. O elevador parou e ela empurrou os rapazes para fora. O mais novo iria para a pré-escola naquele outono, o que significava que Katherine iria, em breve, visitar uma vez mais o gabinete de Alice. Várias emoções podiam ser vistas no rosto de Katherine, e Alice ignorou-as todas de forma cuidada.

— Resto de bom dia! — cantarolou Katherine. A porta do elevador fechou-se novamente, e Alice conseguia ouvi-la a gritar, de forma sussurrada, para as crianças enquanto caminhavam pelo átrio.

Havia vários tipos de pessoas ricas em Nova Iorque. Alice era perita em conhecê-los, mas não porque o quisesse; era como se tivesse sido criada como bilingue, com a diferença de que uma das linguagens que dominava era *dinheiro*. Regra de ouro: quanto mais difícil fosse perceber a quantidade de dinheiro que uma pessoa tinha, mais ela teria. Ou, se ambos os pais fossem artistas ou escritores, ou talvez nem tivessem empregos notáveis, mas conseguissem ter tempo livre para irem levar e buscar os filhos à escola, isso significava que o dinheiro vinha de uma fonte bem grande, como gotas de um icebergue. Havia também os invisíveis, tanto mães como pais, que trabalhavam constantemente e que, se fossem apanhados na escola ou no parque infantil, estariam sempre em chamadas de telemóvel, com um dedo dentro do outro ouvido para abafar o barulho da vida real. Essas eram as famílias que tinham ajuda. Aquelas que tinham vergonha da sua riqueza utilizavam o termo *au pair;* e, aquelas que não tinham, utilizavam *empregada*. Mesmo que as crianças nem sempre entendessem estas coisas, tinham olhos e ouvidos

e pais que coscuvilhavam uns com os outros nos encontros onde os filhos brincavam.

O próprio dinheiro da família de Alice era algo simples de entender: quando era criança, Leonard escrevera *Time Brothers*, um romance sobre dois irmãos que viajavam no tempo e que vendera milhões de cópias, tornando-se numa série de televisão a que todos assistiam — por vontade própria, ou como resultado de uma preguiça em mudar de canal —, pelo menos duas vezes por semana, entre 1989 e 1995. Por essa razão, Alice frequentara uma escola privada em Belvedere, uma das mais prestigiadas da cidade, desde o quinto ano. No espetro que ia desde loiras-em-uniforme até más-notas-e-chamar-professores--pelo-primeiro-nome, Belvedere situava-se no centro. Tinha demasiados judeus para os WASP[4] e demasiadas tradições confortáveis para os marxistas.

Se confiássemos no que dizia a literatura, acharíamos que a maioria das escolas privadas de Nova Iorque seria igual — todas desafiantes, ricas, e superlativas de todas as maneiras — e, mesmo tomando isso como certo, Alice conseguia ver as diferenças entre algumas delas: havia uma escola para mentes brilhantes; outra para quem sofria de distúrbios alimentares; uma para os burros com problemas de droga, mas com pais ricos; e ainda a escola para os atletas e para os pequenos manequins *Brooks Brothers*, que iriam acabar como CEO; ou a escola para os *normies* aplicados, que se tornariam advogados; e aquela para os artistas estranhos, com pais que desejavam que os filhos fossem também artistas estranhos. Belvedere abrira em 1970 em Upper West Side e, por esse motivo, fora a escola dos socialistas e dos *hippies*. Cinquenta anos depois, porém, as mães esperavam pelos filhos nos seus *Teslas* e as crianças estavam medicadas para o transtorno de hiperatividade e défice de atenção. Tudo o que é bom acaba, mas, ainda assim, aquele era o lugar de Alice, e ela adorava-o.

Alice só reparara nas diferentes categorias de famílias quando atingira a idade adulta: as loiras com braços tonificados e armários cheios

[4] Sigla para White Anglo-Saxon Protestant, termo pejorativo para descrever a elite americana branca, de classe alta e protestante que detém o maior poder económico, social e cultural.

dos melhores licores; os atores de séries de televisão e com uma outra casa em Los Angeles, para quando a sorte mudasse; os intelectuais, escritores de romances e outros com fundos de investimento ambíguos e casas maiores do que aquelas que podiam pagar; os da área da economia, com as bancadas impecáveis e estantes de livros embutidas, mas vazias. Havia ainda aqueles com sobrenomes retirados de livros de história, para quem o trabalho era algo supérfluo, mas que podiam dedicar-se a *design* de interiores ou angariação de fundos. Algumas dessas pessoas ricas eram realmente boas — boas a fazer martinis, boas a coscuvilhar, boas a reclamar dos problemas, porque, afinal, quem poderia ficar chateado com elas? Todas estavam nalgum comité de uma instituição cultural. E, quase sempre, alguém de um desses grupos casava com alguém de um outro e poderiam fingir que, de alguma maneira, haviam casado fora da sua bolha social. Era uma farsa, aquele contorcionismo que as pessoas ricas estavam dispostas a fazer para que os seus privilégios não fossem assim tão óbvios. E essa também era uma verdade para Alice.

Alice reconhecia-os a todos quando entravam no gabinete de admissões da Escola Belvedere, onde ela, solteira, sem filhos e com um curso superior de pintura e uma graduação em teatro de fantoches, iria decidir se os seus queridos descendentes seriam aceites ou não. Havia imensos tipos de pessoas ricas, mas todas elas ambicionavam que as suas crianças entrassem na escola que tinham escolhido, porque viam as vidas dos filhos como uma via ferroviária, cada paragem levaria diretamente à próxima — de Belvedere para Yale, para a Harvard Law School, para um casamento, para filhos, para uma casa de campo em Long Island e um cão enorme chamado *Huckleberry*. Alice era apenas um passo, mas um passo bastante importante.

No final daquele dia, recebeu um *e-mail* de Katherine, muito positiva, mostrando o quanto fora *muito bom* encontrá-la. No mundo real, e na sua vida, Alice não tinha poder, mas no reino de Belvedere ela era um Sith Lord, ou um Jedi, dependendo daquilo que a criança mais gostava.

4

O apartamento de Matt estava sempre limpo. Vivia ali há cerca de um ano e, no entanto, nunca preparava mais do que uma refeição por dia — Matt fazia tudo o que podia a partir de uma aplicação, incluindo pedir comida. Como uma criança criada na cidade, Alice também tinha encomendado muitas refeições, mas pelo menos pegava no telefone e falava com outros seres humanos. Como muitos daqueles que vinham de uma cidade pequena do mundo, Matt parecia olhar para a cidade de Nova Iorque como se fosse um cenário por onde se podia passear, sem pensar muito naquilo que acontecera antes de ali ter chegado. Alice pousou a mala na bancada branca e foi até ao frigorífico. Havia três tipos de bebidas energéticas, meia garrafa de *kombucha*, que ela ali deixara havia um mês, um salame, um pedaço de queijo *cheddar* sem cobertura, que havia começado a endurecer nas extremidades, metade de um bloco de manteiga, um frasco de *picles*, várias embalagens de comida encomendada, uma garrafa de champanhe e quatro *Coronas*. Alice fechou o frigorífico e abanou a cabeça.

— Olá? Estás em casa? — chamou, na direção do quarto de Matt.

Ninguém lhe respondeu e, em vez de mandar uma mensagem a Matt, Alice decidiu fazer uma pequena máquina com a roupa suja que tinha enfiado na *tote bag* antes de ir para o hospital. A melhor coisa do apartamento de Matt eram as máquinas de lavar louça e de roupa, que lavava e secava. A máquina de lavar louça era um desperdício, já que ele mal comia a partir de pratos, mas a de lavar e secar roupa era o amor da vida de Alice. Por norma, levava o seu monte de roupa suja a uma

lavandaria na esquina, perto do seu apartamento — não tinha de atravessar nenhuma rua e eles lavavam e dobravam a roupa, devolvendo-a num saco gigante de lavandaria —, mas a facilidade com que podia lavar os seus *jeans* favoritos, três pares de roupa interior e a camisa que queria vestir no dia seguinte no trabalho, *isso* era especial. Em frente à máquina, Alice decidiu que era preferível lavar também aquilo que tinha vestido, por isso despiu os *jeans* e a *t-shirt* e colocou tudo lá dentro. Quando as roupas começaram às voltas na lavagem, deslizou com as suas meias pelo chão escorregadio, até ao quarto de Matt, onde procurou alguma coisa que pudesse vestir.

A porta da frente abriu-se, e Alice ouviu as chaves de Matt aterrarem na bancada da cozinha.

— Olá! Estou aqui! — gritou ela.

Ele apareceu na porta do quarto, com manchas gigantes de suor no pescoço e nas axilas. Tirou os auriculares dos ouvidos.

— Quase morri, juro-te! Hoje foi uma mistura de ataques em três circuitos, incluindo *dead lifts* e flexões. Eu bebi, tipo, quatro cervejas ontem à noite e pensei que ia vomitar.

— Isso é bom — respondeu Alice.

Matt já andava há tempo suficiente no *CrossFit* para ter uma barriga de cerveja mais pequena, mas não o suficiente para conseguir completar uma aula sem a ameaça de vómito. Dizia sempre o mesmo de cada vez que ia a uma.

— Vou tomar um duche. — Olhou para ela. — Porque é que estás nua?

— Eu não estou nua — disse Alice. — Estou a fazer uma máquina de roupa.

Matt abriu a boca, ofegante.

— Então acho que também lá vou pôr a minha roupa. — Passou pelo corpo de Alice e abriu a porta da casa de banho. Ela sentou-se na cama, a ouvir a água.

Matt e Alice não formavam um grande casal, ela sabia-o. Não eram como alguns dos seus amigos e conhecidos, que publicavam hinos ao amor no Instagram a cada aniversário de vida, de casamento, ou de namoro. Não gostavam das mesmas coisas, nem ouviam as mesmas

músicas, não tinham os mesmos sonhos e esperanças, mas, quando se conheceram numa aplicação (*claro!*) e foram tomar uma bebida, esta passou a jantar, e o jantar tornou-se outra bebida, e essa bebida acabou em sexo, e, agora, já tinha passado um ano e o porteiro já não perguntava o nome dela. Um ano era uma quantidade decente de tempo. Sam — que era casada e, portanto, percebia do assunto — achava que Matt iria, em breve, pedir Alice em casamento. E, se ele o fizesse, ela não tinha a certeza de qual seria a sua resposta.

Alice examinou as unhas, que estavam a precisar de mais verniz, agora só com pequenos discos de vermelho nas pontas, como um padrão de bolinhas. O seu quadragésimo aniversário seria dentro de uma semana. Ela e Matt ainda não tinham feito planos, mas Alice pensou que, se algo fosse acontecer, seria nessa altura. O seu estômago embrulhou-se só de pensar nisso, como se estivesse a tentar virar-se ao contrário.

O casamento parecia um bom negócio, na maioria das vezes — ter sempre alguém ali e, no leito da morte, haver sempre alguém ao lado, a segurar-te a mão. Claro que não se contavam os casamentos que acabariam em divórcio, ou os casamentos infelizes, onde segurar a mão do outro era apenas uma memória. Não se contavam, também, as pessoas que morriam em acidentes de carro, ou que tinham um ataque cardíaco fatal sentadas nas suas secretárias. Qual seria a percentagem de pessoas que morriam enquanto se sentiam amadas e apoiadas pelo parceiro? Dez por cento? Não seria somente a morte, como era óbvio, que tornava o casamento apelativo, mas fazia parte disso. Alice tinha pena do pai, já que ela era tudo o que lhe restava, e ela tinha medo de ser demasiado parecida com ele para ter mais do que isso também. Não — *ela teria menos*. Leonard tivera uma criança. Não apenas uma criança — uma *filha*. Se ela tivesse nascido rapaz, e não tivesse sido treinada pela sociedade para ser boa, uma cuidadora zelosa, teria sido diferente.

Passou tudo tão depressa — sobretudo os seus trintas. Os vintes haviam sido um borrão, e dez anos antes, no início dos trintas, os amigos de Alice começaram a casar e a ter filhos — a maioria não os teve até aos trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco, e, por isso, ela não estava assim tão atrasada, mas agora, de repente, estava quase nos quarenta,

o que significava que era tarde de mais, não era? Ela tinha amigos já divorciados, amigos que estavam no segundo casamento. Esses, seguiam sempre em frente rápido de mais, por isso era fácil perceber o que tinha corrido mal da primeira vez — se um casal se divorciasse e dois anos depois um deles estivesse novamente casado e com um bebé a caminho, não havia mistério para resolver. Alice não sabia se queria filhos, mas sabia que, num momento que chegaria no futuro, esse desconhecimento iria transformar-se num facto, num facto decisivo. Por que razão não tinha mais tempo?

Matt saiu do duche e olhou para ela, debruçada sobre os pés como um *golem*[5] preocupado.

— Queres mandar vir comida? E… talvez foder antes de a comida chegar?

Havia uma toalha à volta da cintura dele, mas caiu e Matt não a apanhou. A ereção dele cumprimentou-a.

— Piza? Daquele sítio? — perguntou Alice, anuindo.

Matt carregou nos botões do telemóvel e depois atirou-o para cima da cama, atrás dela.

— Temos entre trinta e dois e quarenta minutos — declarou.

Podia não ser muito bom a cozinhar, ou em tantas outras coisas, mas Matt era bom a fazer sexo, e isso já era muito.

[5] Criatura inanimada do folclore judaico, criada a partir de substâncias como poeira ou terra e que ganha vida através de rituais.